

OS
ORÇAMENTIVOROS

OU
COMEDIA DOS DEUSES

PELO
CONDE DE COTEGIPE



TYPOGRAPHIA BRAGANÇAS & ORLEANS

S. CHRISTOVAM.

TYPE KING—S. PAULO

Pamphlet
19thCent
381

OS
ORÇAMENTIVOROS

OU

COMEDIA DOS DEUSES

PELO

SONDE DE SOTEGIPE



The OLIVEIRA
LIMA LIBRARY
The Catholic
University of
America

TYPOGRAPHIA BRAGANÇA & ORLEANS
S. CHRISTOVAM.

46870

OS ORÇAMENTIVOROS

Pamphlet
19th Cent

From The Private Collection
of Manoel de Oliveira Lima

382

COMEDIA DOS DEUSES

PERSONAGENS:

CONTRIBUINTE	1º Magro
THESOURO NACIONAL	2º Magro
D. BIBIANO	Sabichoso ambulante
D. THEREZA	Anjo tutelar, personagem muda
GENERAL GASTÃO	Principe noventa por cento
D. IZABEL	Prima-dona absoluta
WHITE	Maestro regente
FIDALGO DE SAXE	Viuvo de profissão
D. FELIPPE	Gatuno por direito divino.
POVO	Da familia dos Contribuintes

Romões, Secretas, Principes, Sabios, Sub-sabios, Ministros,
Charlatães, Personagens de apothéoses, etc.

Epocha : passado e presente; futuro?

ESTEREOTYPADO
NAS OFFICINAS KING
—S. PAULO—

ORÇAMENTIVOSOS

OU COMEDIA DOS DEUSES

ACTO I

Scenário - Gabinete do ministro da fazenda. Portas á direita e á esquerda : janellas no fundo. A' esquerda uma escrivaninha; entre as janellas uma burra : cadeiras. Defronte a escrivaninha, sobre uma peanha suspensa na parede, está D. Thereza, o anjo tutelar, immovel, de azas ás costas.

SCENA I

Thezouro Nacional e Contribuinte

CONTRIBUINTE, *chorando*: -Escute-me, Thezouro Nacional, escute-me e prepare as suas lagrimas para chorar minha sorte. Conhece-me desde 1822 e sabe que accordo ao romper d'alva e prego logo ao trabalho os braços que Deus me deu, e a trabalhar entro pelas longas horas da noite. No entanto qual é o resultado de tanto esforço? Estou, como me vê, vestido como um mendigo, sem sapatos, sem chapéu, as minhas calças têm mais remendos do que os seus orçamentos. Todo o dinheiro apurado mal chega para a cova do dente do imposto. Já nem tenho um níquel para comprar lenço com que enxugue meu pranto. Não, não posso mais! Mais dia menos dia arreio a mala.

THEZOURO NACIONAL:—Lamentas-te com razão, meu pobre e velho amigo—Nós somos dois infelizes, choremos juntos (*choram*)—Consola-te commigo. Eu sou o mais desgraçado dos dois. Obrigado a esconder aos olhos do publico minhas miserias, eu sou mais lamentavel. Tu podes sahir á rua sem chapéu, sem gravata, de pé no chão, que ninguem, ninguem falla, ninguem repara; eu, porém, sou obrigado a guardar conveniencias: sou funcionario publico. E sabe Deus quanto me custa sustentar minha posição social. Minhas calças não têm remendos, é verdade, porém olha como estão—(*Mostra os fundilhos rotos*) Meus sapatos estão engraxados, porém vê-lhe a sola: está mais furada do que uma peneira e para poder andar, uso de sobre-solas de papelão. Camiza? ha dois

mezes que não visto, só tenho punhos e collarinhos. E ha muita gente que diz: Rico como o Thezouro Nacional!... Que escarneo!

CONTRIBUINTE:—E' preciso mudar de vida. Isto assim não serve. Trabalho, trabalho, entrego-lhe tudo que tenho e você tambem nada tem.

THEZOURO NACIONAL:—Que queres? são sortes!... A contribuição gerou-me para receber de ti e para pagar a outros. Eu sou passivo.

CONTRIBUINTE:—Será por isso que em seus livros só apparece o passivo e nada do activo?

THEZOURO NACIONAL:—Creio que sim. São destinos... Quem nasceu para dez réis nunca chega a vintem.

CONTRIBUINTE, *admirado*:—Então você nunca chegou a vintem?

THEZOURO NACIONAL:—Supposeste que já fui vintem? Engano, ideal, illusão! Nem dez réis consegui ser, sou peor que zero, sou quantidade negativa.

CONTRIBUINTE—*estupefacto*: Oh!

THEZOURO NACIONAL:—Admiras-te? Eu não tenho nada, eu devo muito, o que sou? quantidade negativa. Devo a meio mundo; devo a inglezes, a donos de apolices, a portadores de lettras, a orphâms, a engenhos centraes, enfim a tanta gente, que, si saio á rua, não sei mais que esquinas preciso quebrar, para fugir a meus credores. E' uma lastima! Uma vergonha!

CONTRIBUINTE:—Mas, desventurado, onde você poz tanto dinheiro que lhe dei?

THEZOURO NACIONAL:—Educar principes, arranjar genros para as nossas caras princezas, pagar as despesas de viagens do nosso Sabichoso Ambulante, são ou não minhas obrigações constitucionaes? Tudo isto custa.

Principalmente os taes principes consortes, de sangue azul, nos foram vendidos nos mercados da Europa por preço exorbitante.

CONTRIBUINTE:—Não havia por lá principes mais baratos?

THEZOURO NACIONAL:—Havia. Porém o sangue não era bem azulado. A encommenda era de *purs sangs*; por isso paguei salgadinho. Eu vou contar-tê um segredo, não passes para deante. Aqui mesmo na America, teriamos podido arranjar uma das nossas caras princezas. O Lopes tomava uma. E deixa estar que era um bom córte de genro: tinha terras, era nosso vizinho e não escolhia esta ou aquella princeza. Qualquer lhe servia e gratis.

CONTRIBUINTE:—Porque então não se fez esse hymineu?

THEZOURO NACIONAL, *em segredo*:—Quando o nosso heroico defensor perpetuo recebeu o pedido do Lopes, enfureceu-se e assanhou-se de tal modo que o negocio entre o Brazil e o Paraguay, que devia acabar em ternas festas de Venus, virou em grossas pancadarias de Marte!

CONTRIBUINTE:—Ai! eu sei! A minha familia, a numerosa familia dos Contribuintes, perdeu lá milhares e milhares de filhos. Eu, si ainda estou vivo, devo ao ter ficado aqui trabalhando para supprir os gastos da rendição de Uruguayana e outras glorias do nosso heroico generalissimo. Por causa do sangue azul de duas donzellas, tão donzellas como as que são, derramou-se tanto sangue vermelho da minha familia. Só pensar nisso dá vontade á gente de virar republicano!

THEZOURO NACIONAL:—Então já sabes onde foi o dinheiro que me entregaste? Estás satisfeito?

CONTRIBUINTE:—Você me acha com cara de satisfeito?

THEZOURO NACIONAL:—Sinceramente, não. Dize-me uma cousa agora: não tem ahí uns cobrinhos que me emprestes?

CONTRIBUINTE:—Juro por essa luz que me allumia, pela salvação de minha alma, que minhas algibeiras estão mais vazias do que um cerebro de ministro.

THEZOURO NACIONAL:—Nada, nada?

CONTRIBUINTE:—Nada, nada. Eu sempre tive inclinação para rico, por isso ha muito tempo ando com a idéa de tentar uma industria nova no paiz. Para esse fim mais de cem vezes tenho procurado ajuntar algum dinheiro; quando, porém, vou iniciar o plantio do trigo, ou o aproveitamento das mattas, ou a salga do peixe ou outra qualquer industria rendosa; quando já tenho destino para minhas parcas economias, apparece logo uma necessidade governamental qualquer, da dynastia reinante, e você vem com o ancinho de algum imposto adicional e lá se vão minhas economias pelas suas algibeiras abaixo.

THEZOURO NACIONAL:—Psiu! falle mais baixo.

CONTRIBUINTE, *estremeçando*:—Ahi vêm elles?

THEZOURO NACIONAL, *em voz baixa*:—Parece-me que estou ouvindo um barulho suspeito.

CONTRIBUINTE:—Eu tambem estou ouvindo. Misericordia! Elles ahí vêm!

THEZOURO NACIONAL:—Virgem Nossa Senhora! Por onde havemos de fugir?!

CONTRIBUINTE:—Na rua ha policia. E' delles.

THEZOURO NACIONAL:—Si tivessemos um balão!...

CONTRIBUINTE:—Não temos. D. Bibiano que está a inventar-lhe a direcção nunca acaba de inventar.—Onde nos occultaremos?

THEZOURO NACIONAL:—Uma idéa. Vem!

CONTRIBUINTE:—A onde? aonde?

THEZOURO NACIONAL :—Escondamo-nos aqui dentro desta burra.

CONTRIBUINTE :—Não cabemos dentro.

THEZOURO NACIONAL :—Cabemos. Está vazia, completamente vazia. Anda, entra, elles ahi vêm !

(*Ambos escondem-se dentro da burra*).

SCENA II

ENTRAM CORRENDO *D. Bibiano, D. Isabel. General Gastão D. Felippe, Secreta, Romão etc.*

TODOS :—Onde está elle?—Onde se metteu o Contribuinte?—Péga!--Escaparia?--Procuremos--(*Procuram*)

D. BIBIANO :—*desanimado*. Escafedeu-se o subdito!

TODOS :—Pelas tripas de Carlota Joaquina! Havemos de achá-lo!

D. BIBIANO :—Eu queria que o pegassem logo; eu estou com muita pressa. Tenho muito que fazer hoje. Ás 10 horas, 5 minutos e 26 segundos devo recitar o meu soneto de bordo no observatorio astronomico; ás 10 horas, 5 minutos e 26 segundos e meio, vou ao despacho ministerial escrever uma carta a Mlle. ou Mme. Sarah Bernhardt.

GENERAL GASTÃO, *a meia voz ao White* :—Não faça caso: meu sogro está achacado do juizo.

D. BIBIANO...—Ás 10 horas, 5 minutos e 26 segundos e $\frac{3}{4}$ de segundo parto para a Palestina afim de acertar os pesos e medidas das camaras municipaes; ás 10 horas, 5 minutos e 26 segundos e $\frac{7}{8}$ de segundo vou descobrir a direcção dos balões...

GENERAL GASTÃO: *á parte, a White* :—Eu não disse que elle estava maluco?

D. BIBIANO :—Ás 10 horas, 5 minutos e 26 segundos e $\frac{3}{4}$ de segundo irei á sessão ordinaria do Instituto

Historico para dormir uma somneca: ora, já vêm, meus filhos, que estou com muita pressa, estou muito occupado. Preciso, porém, antes de começar meus trabalhos, que o Contribuinte me forneça uns *cum quibus*, para as despesas da viagem que pretendo fazer ao tumulto do propheta Jonas, e para o qual devo partir hoje imprerterivelmente ás 10 horas, 5 minutos e 26 segundos e $\frac{1}{2}$ de segundo. Creio que já vão sendo horas.

Que horas são? (*Todos fazem gesto de tirar o relógio da algibeira do collete. Não acham.*)

WHITE:—Deixei o meu relógio em casa.

D. ISABEL, *com amabilidade*:—Não, commendador, não. O senhor trouxe o seu. Ainda agorinha mesmo acertei o meu relógio pelo ponteiro do seu.

D. BIBIANO:—Tambem perdi o meu.

GENERAL GASTÃO:—O meu roubaram-m'o. Oh! si eu pilhõ o canalha que me deu este prejuizo!

TODOS:—Onde estão os nossos relógios? Que cousa singular!

D. FELIPPE, *disfarçando*:—Eu não sei. Ah! ha quanto tempo não me encontro com relógio!... (*Dirigindo-se ao anjo Tutelar, para mudar de assumpto.*) Minha bõa avósinha, como tem passado? Como vão todos de casa? Está melhor do seu rheumatismo? (*O anjo Tutelar sempre mudo.*)

TODOS, *olhando desconfiados para D. Felipe*:—Roubaram os nossos relógios. Quem roubou é melhor entregar... olhe a policia—Nós apitamos...

GENERAL GASTÃO, *tomando uma resuloção e dirigindo-se a D. Felipe*:—Para aqui já o meu relógio, já e já!

D. FELIPPE:—O sr. está me insultando, está me chamando de ladrão. Não admitto. Ha de dar-me uma

satisfacção por escripto ou por meio das armas. Duello de morte. O mundo é pequeno para nós ambos!

SECRETA: Haja!

GENERAL GASTÃO, *abotoando D. Felipe*:—Deixe-se de historias. Meu relógio, já e já, ou quebro-lhe a cara!

D. FELIPPE: Largue, seu Gastão! Não fui eu! não fui eu! Vovô, accuda-me!

D. BIBIANO, *intervindo*:—O que é isto, Gastão? Largue e menino. Observe que está me faltando ao respeito.

GENERAL GASTÃO, *possesso*:—Qual respeito nem meio respeito—fomente-se com o seu respeito! Não me casei para ser roubado pelos parentes de minha mulher! (*Prende com força a D. Felipe e começa a tirar-lhe das algibeiras uma infinidade de objectos. Para D. Bibiano*):—Olhe que bisca é esse seu sobrinho-neto! Que bazar traz elle nas algibeiras! Uma caixa de tabaco, uma cabelleira, trez duzias de lenços de diversas marcas... Cá está o meu relógio, outro relógio...

D. BIBIANO:—Oh! este é o meu chronometro! nem a seu tio-avô poupa esse larapio!

D. FELIPPE, *cynicamente*:—A boa colheita é como a boa justiça, começa por casa.

GENERAL GASTÃO, *continuando*:—Mais outro relógio, outro, outro, outro, ainda outro!

TODOS:—Este é meu, este é meu.

FIDALGO DE SAXE:—O meu é que está entre as dez e as onze.

GENERAL GASTÃO, *entregando os objectos aos donos*:—Tome, tome. (*Continuando a colheita*) Um pé de chinello, um presunto, dois metros de renda, mais uma relógio; este é de prata...

SECRETA :—Então é meu.

ROMÃO :—Não é, é meu.

SECRETA, *preparando-se para brigar* :—Haja ! Livra !

ROMÃO—*pondo a penna em riste*—Entra, entra, que está envenenada !

D. BIBIANO :— Não quero discordias entre meus leaes servidores. Já que ha duvidas... D. Felipe pôde ficar com o relógio.

GENERAL GASTÃO, *continuando* :—... um canivete, quatro canequinhas, um masso de grampos, uma camisa de mulher, um barrete phrygio...

D. BIBIANO, *com severidade* :— De quem furtaste isto ?

D. FELIPPE :—De um republicano.

D. BIBIANO :—Elle viu ?

D. FELIPPE :—Não, senhor.

D. BIBIANO :—Pôdes guardal-o para ti.

GENERAL GASTÃO :—... pennas de Mallat, um *annel* de bacharel de Pedro II.

D. BIBIANO :—Que *affronta* ás instituições !!!

GENERAL GASTÃO :—...^frolhas, dragonas, uma dentadura postiza, gazúas, trados, talhadeiras.

D. FELIPPE, *reclamando* :—São objectos de meu uso particular. (*Torna a guardar*)

GENERAL GASTÃO :—... carteiras, uma ninhada de pintos... E' até ladrão de gallinhas!... Pregos, phosphoros... Arre ! não posso mais ! já esvasiei 14 algibeiras e ainda não cheguei ao meio ! Quantas faltam ?

D. FELIPPE, *cynicamente* :—16. Ao todo são 40 algibeiras. E' por essa razão que na bilontragem eu son denominado : o principe Ali-Babá ou os 40 ladrões.

D. BIBIANO, *rindo*:—Tem muito espirito. E' es-
pertinho.

GENERAL GASTÃO, *amuado e segurando o relógio*:
Esperto de mais!

D. BIBIANO, *a rir*:—Mas é muito engraçado, muito
vivo, muito intelligente. E' Bourbon e basta!

GENERAL GASTÃO, *amuado*:—Meu sogro esque-
ceu-se do avô; esqueceu-se de D. João VI.

D. BIBIANO:—Agora que cumpri o meu dever e si
mais não fiz é que a molestia me impediu a acção, volte-
mos ao que serve. Onde se metteu o Contribuinte?

SECRETA:—*A mode* que elle escapuliu por alli.

TODOS—Corramos, corramos até pegal-o. (*Sáem
todos de carreira, menos o General Gastão.*)

SCENA III

General Gastão, só.

GENERAL GASTÃO:—Por onde teria fugido o Con-
tribuinte? Ora isso pouco me importa; por fim hei de
encontral-o. Jamais um contribuinte escapou a um Or-
léans. Os Orléans têm faro, são dados á synéctica. Eu
mesmo já mostrei que sou caçador. Nas montanhas do
Paraguay eu não fiz guerra, fiz uma caçada... de homens.
Tanto acuei o Lopes que elle veio morrer na *espera*. As
recordações dessas *glorias* tiram-me o somno... A's vezes
parece remorso... Também quem mandou o Lopes apre-
sentar-se concorrente ao cargo de principe consorte?...
Si os plebeus dão agora para entrar legitimamente nos
leitos das priacezas presumptivas, que empregos restam
para nós os principes em disponibilidade? Quebrei a
prôa ao Lopes. Foi meu rival, matei-o. E está acabado.
(*Pausa*). Mudemos de assumpto, que eu não gosto deste.
Com essa mania de meu sogro andar de um lado para

outro, como um gato tonto, ainda não tive tempo este mez de fazer as minhas contas. (*Senta-se á escrivaninha.*) Passemos isto a limpo; 4 e 5, 9: 9 e 3, 12, vão 3 etc. Portanto a rua da Lampadosa rendeu 4:679\$ ou 1\$380 menos do que o mez passado. Eu não estou por esta. O José Bernardes contractou o quarto do fundo, o que não tem janellas, por 10\$000 e só me pagou 8\$620... Como todo o máu pagador, arranjou uma cambada de desculpas; disse-me que morrera de febre amarella o filho mais velho; que este filho ajudava-o no officio de canteiro; que foi preciso pagar enterro; que durante dous dias, depois da morte do filho, estivera com a cabeça atordoadada, não pudera trabalhar... Ah! vadio! quem tem credores não adoce... Mas que tenho eu que vêr com esse rosario de lamentações do Bernardes? Não fui eu quem matou o filho: quero meu cobre.. Elle que se queixe da febre amarella... Ha de pagar-me os 1\$380 rs. tão certo como 2 e 2 serem 3, quando eu pago, e 6 quando recebo. Estamos em um paiz civilisado: o direito de propriedade é sagrado e eu quero o juro do meu cobre... Continuemos as contas. Morro do Nheco 7 contos... Bravo ao Morro do Nheco! Isto vai de mal a peor!... Até os de Catumby, os cortiços mais commodos para gente pobre, renderam 8\$000 menos do que costumam!.. Cortiços visinhos do cemiterio, onde os inquilinos quando morrem economisam transporte para a cova, renderem menos! Ah! ingratos inquilinos! pregaram-me este mez um calote de 8\$000. Disseram que meus cortiços não são limpos: que valem o que pesam em arsenico; que morar lá é o mesmo que ir para a guerra; que são commodos para suicidas... Queriam talvez que eu lhes alugasse o palacio de meu sogro! (*Pausa*) Deixa lá que é bem boa idéa! S. Christovam, dividido em quartinhos, podia dar bem boa renda. Outra queixa de meus alugadores é que os alugueis são altos; que eu cobro os juros de 90 % e que o juro legal é de 6%. São sempre as

mesmas cantigas. Este povo não comprehende que sou príncipe, que posso cobrar o juro que quizer. O povo não entende que si, perante a lei, eu fosse egual a elle, não havia para mim vantagem alguma em ser príncipe... A verdade é que me faltam 9\$380 rs. para completar os 300:000\$ de economia mensal que tenho de enviar para a Europa... E' imprescindivel mandar esses bellos 300:000\$ para logar seguro. Estão fallando muito em revolução. Mas enquanto o pau vai e vem folgam as costas; portanto preciso dos 9\$380. Onde irei buscal-os *Ecco il problema.* Si o Thezouro Nacional tivesse, elle havia de m'os dar ou eu mettia-lhe a espada, mas o Thezouro está magro como uma vacca de Pharaó... (*Desesperado, arrancando os cabellos.*) Eu preciso de 9\$380! eu preciso de 9\$380! onde encontrar essa quantia? (*Olha de todos os lados e dirige-se a D. Thereza*) Oh! anjo tutelar, tens ahi 10\$000 que me emprestes? (*D. Thereza, sempre immovel*) Este anjo é surdo-mudo, é um anjo inutil! Oh! está alli um cofre, vamos vêr si tem dentro alguma cousa. Este cofre não é meu, não tenho direito de bulir nelle. (*Pausa*) Mas eu eu preciso de 9\$380. (*Pausa*) Este cofre não é meu, mas é o mesmo. Está na monarchia de meu sogro, ha de fazer parte da herança de minha mulher. Vamos a elle! (*Desembainha a espada e com ella arromba o cofre. Saem de dentro, assustados, o Contribuinte e o Thezouro Nacional.*)

SCENA, IV

General Gastão Thezouro Nacional e Contribuinte

GENERAL GASTÃO :—Oh! estavam ahi?! (*encarando para o Contribuinte*). Onde já vi eu esta cara? (*Para os dois.*) Esperem-me aqui um pouquinho. Eu vou alli áquel e cofre buscar 9\$380 réis, de que preciso muito e volto para lhes contar o terrivel combate de Perri-bebuy.

THEZOURO NACIONAL:—E' inutil ir. Não encontra lá nem um vintem.

GENERAL GASTÃO:—De quem é esse cofre?

THEZOURO NACIONAL:—E' o cofre do Estado.

GENERAL GASTÃO:—Tens razão; ir lá buscar dinheiro é perder tempo. (*Encarando para o Contribuinte*). Onde diabo encontrei com este sujeito? (*Aos dois*). O que faziam vocês lá dentro?

CONTRIBUINTE, *atrapalhado*:—Nós... nós... nós morávamos...

GENERAL GASTÃO:—Ah! vocês são inquilinos alli... A quem pagam aluguel?

THEZOURO NACIONAL:—A ninguém.

GENERAL GASTÃO:—Então paguem-n'o a mim.

CONTRIBUINTE:—Mas aquelle cortiço não é seu.

GENERAL GASTÃO:—Não é. Mas em que paiz vocês viram morar sem pagar aluguel? Como não ha quem cobre de vocês, cobro eu. Não me convém que em terras de meu sogro se enraize o costume de morar *gratis* (*Aparte*). Mas onde eu já vi esta cara? (*Alto*) Ah! agora me lembro! (*Salta como um tigre sobre o Contribuinte e o sacode com furia*) Miseravel! canalha! até que te encontrei! Para aqui, entrega-me já os 7\$700 que me estás devendo ha dois annos! Vamos, caloteiro, larapio, paga-me! para cá o meu dinheiro; paga-me os alugueis do meu cortiço *Cabeça de Porco*.

CONTRIBUINTE, *livrando-se do General Gastão*:—General, o sr. engana-se. Não devo a proprietarios. Ha mais de 3 annos que não moro.

GENERAL GASTÃO, *vexado*:—Si não és tu, foi algum teu parente chegado, e para mim é o mesmo. Paga por elle.

CONTRIBUINTE, *com força*:—Não,não pago! Não pago por duas razões: primeira, não tenho dinheiro...

THEZOURO NACIONAL:—Esta razão é forte! E' das minhas.

CONTRIBUINTE:—Segunda — não sou responsavel por dividas alheias.

GENERAL GASTÃO:— Tenhas ou não tenhas dinheiro, paga-me.

CONTRIBUINTE:— Juro pela luz que me allumia, pela salvação de minha alma...

GENERAL GASTÃO:—Pagas ou não?

CONTRIBUINTE:—Juro pela luz que me...

GENERAL GASTÃO:—Ah! não me queres pagar? Já te ensino. Espera um pouco. (*Chega-se á janella e apita. Entram o Secreto e o Romão*).

SCENA V

Contribuinte, G. Gastão, Thezouro Nacional, Romão e Secreto.

ROMÃO:—Sr. Conde, o criterio e a elevação de vistas, que somos os primeiros a reconhecer em Vossa Alteza, junto com a dedicação patriótica patenteada por V. A. aos olhares admirados das nações civilisadas; os talentos brilhantes de guerreiro e os estudos de estadista com que a natureza tão prodigamente o dotou, e generosamente offerecido por V. A. ao serviço do povo deste grandioso imperio de Santa Cruz, que...

G. GASTÃO:—Basta, basta, basta! Eu não gosto de muita parola. Isto é lá com meu sogro. Eu sou homem positivo. Em duas palavras vou dizer o que desejo: Quero que vocês empreguem todos os meios para obri-gar este maroto a pagar-me o que me deve.

CONTRIBUINTE:—Mas si eu não tenho nem um vintem. Juro pela luz...

G. GASTÃO :—Vamos, cobrem, cobrem.

ROMÃO, *ao contribuinte* :—Olha, Contribuinte, si não pagares ao heroico vencedor de Perrribebuy, juro tambem pela luz que nos alumia, que publico contra ti uma serie de entrelinhados, provando que és um ladrão, que teu pae foi um salteador celebre...

CONTRIBUINTE, *estupefacto* :—Mas tenho documentos provando que meu pae foi um negociante honesto !

ROMÃO :—Que me importa ?! Provarei que teu avô morreu de velho em Fernando de Noronha...

CONTRIBUINTE, *attonito* :—Eu tenho a certidão de obito mostrando que elle morreu defendendo a patria no campo da batalha !

ROMÃO :—Que me importa ? Publicarei que tua mãe assignou termo de bem viver... e não cumpriu.

CONTRIBUINTE, *colerico* :—Cala-te miseravel ! Mais uma palavra e eu te esbofeteio !

SECRETA, *saltando para a frente e jogando capocira* Entra, entra mano ! (*prega uma cabeçada no contribuinte*)

CONTRIBUINTE, *levanta-se gemendo* :—Ai ! Ai ! Eu pago. (*humilde*) Sr. Conde, aqui estão os 7\$700 que meu primo lhe ficou a dever. Este dinheiro não é meu ; é de meu filho—o Povo, que queria com elle fundar uma industria nova...

SECRETA, *manejando o petropolis* :—Pague e não bufe. Você me conhece. Eu sou assim, lê, lê, lê ! pau n'elle !

GENERAL GASTÃO, *contando o dinheiro* :—5 e 2, 7 e mais 700 réis. São 7\$700 réis ; bom. Faltam ainda 19\$997 réis.

CONTRIBUINTE, *extatico* :—Pois não lhe paguai tudo que meu primo lh. devia ?

SECRETA:—Lê. lê, lê, pau nelle!

ROMÃO:—E' melhor pagar. Olhe a fama de sua mãe e a reputação de sua filha... Quem me avisa meu amigo é!

CONTRIBUINTE, *resignado*:—Que remedio! Sr. Conde faça o obsequio de fazer as contas; eu pago.

G. GÂSTÃO:—Seu primo me devia 7\$700, que a juro de 90 $\frac{0}{100}$, dão, no fim do anno, a quantia de 6\$930; capitalizando perfazem 14\$630, que a juro de 90 $\frac{0}{100}$, dão, no segundo anno, 27\$697 capitalizados. Ora, você me pagou 7\$700, logo deve-me ainda 19\$997. Fica tudo por 20\$000, deprezando você os quebrados.

CONTRIBUINTE, *pagando*:—Lá se foi a esperança de fundar industria nova!—Eu e o povo andamos encaiporados com principes.

G. GASTÃO, *aparte*:—A minha estrella ainda não empallideceu. Ando feliz. Precisava de 9\$360 e num instante arranjei 27\$697. Posso dizer como Tito: Ganhei meu dia! São horas de ir para o lar domestico. Com certeza o meu amigo White já está me esperando. (*Procura o relógio, e não o encontra*) Oh! roubaram-me o relógio! Péga! péga D. Felipe! péga! péga ladrão! (*Sai correndo, acompanhado do Secreto e do Romão*).

SCENA VI

Contribuinte, Thezouro Nacional e D. Thereza

CONTRIBUINTE:—Como eu sou infeliz! A ti elles nada tomaram.

THEZOURO NACIONAL:—Elles sabem que nada tenho...

CONTRIBUINTE, *consternado*: Levaram todo o dinheiro de meu filho. Só escaparam este nikel de 200 réis, este outro de tostão, e esta moedinha de vintem!

THEZOURO NACIONAL:—Uma pataca.

CONTRIBUINTE:— Uma pataca justa! Uma pataca para comprar carne, pão, agua, farinha, sal, lenha, para mim, minha mulher e meus oito filhos. E' quasi impossivel!

THEZOURO NACIONAL:—Uma pataca, não. Só meia pataca.

CONTRIBUINTE, *admirado*:—Como só meia pataca? si eu te estou mostrando uma pataca certa!

THEZOURO NACIONAL:—Sim, mas tens que me pagar meia pataca de imposto.

CONTRIBUINTE:—Como assim?

THEZOURO NACIONAL:— Presta bem attenção. Os generos que vais amanha comprar para ti e tua familia ou são generos de importação ou generos de exportação. Si forem generos de importação, tens que me pagar, em virtude das tarifas, 50 % sobre seu valor; ora, 50 % sobre uma pataca, é meia pataca que me debes. Si forem generos de exportação, em virtude das mesmas tarifas, tens que me pagar 50 % sobre o seu valor e mais 5 % addicionaes; portanto tens que me dar mais de que meia pataca. Si, porém, estás disposto a comprar amanha, para sustento de tua familia, generos de importação e generos de exportação, tens que me pagar de imposto toda a tua pataca, ficando a me dever os 5 % addicionaes que me pagarás no outro exercicio financeiro. Entendeste?

CONTRIBUINTE:—Não.

THEZOURO NACIONAL:—Contribuinte, em nome da lei, cito-te pela primeira vez para pagares o imposto. Pagas ou não?

CONTRIBUINTE:—Não.

THEZOURO NACIONAL:—Contribuinte, em nome da lei, cito-te pela segunda vez para pagares o imposto. Pagas ou não?

CONTRIBUINTE:—Não.

THEZOURO NACIONAL:—Contribuinte, em nome da lei, cito-te pela terceira vez para pagares o imposto. Pagas ou não?

CONTRIBUINTE:—Não!

—THEZOURO NACIONAL:—Então, Contribuinte, lá vai penhora executiva... de unhas! (*Atira-se sobre o Contribuinte para tomar a pataca. Luctam. Enquanto luctam o Anjo tutellar bate tres vezes as azas, e, sem que o Contribuinte presinta, vem sobre elle, arrebatá-lhe a pataca e engole-a, e volta para a peanha onde fica immovel e mudo como antes.*)

CONTRIBUINTE, ao *Thesouro Nacional*:—Vai buscar, si és capaz, teus tantos por cento, das mãos do Anjo Tutellar. Vai, si és capaz! A mim vai elle, por piedade, entregar a pataca, para que meus filhos não morram de fome amanhã. Queres vêr? *Ajoelhando-se deante do Anjo diz* :) Salve, imperatriz, mãe de misericordia, Anjo Tutellar, esperança nossa, nós os desgraçados pagadores de impostos, por vós suspiramos, gemendo e chorando; a vós bradamos: Amanhan vamos, minha mulher, meus filhos e eu, soffrer fome. Esperança nossa, tende piedade de nós, entregae-me a minha pataca.

O Anjo Tutellar sempre immovel e mudo. O Contribuinte retira-se triste, acompanhado do Thezouro Nacional, pedindo o dinheiro...

Cahe o panno

ACTO II

QUADRO I

Salão do palacio Izabel. Ao levantar o panno, á direita, D. Izabel e White palestram junto ao piano ; no fundo o General Gastão sentado á uma mesa, faz contas de juros ; D. Felipe joga no chão a *vermelhinha*, com uma troça de principes infantes , á esquerda, D. Bibiano passeia preocupado. Em um nicho, immovel, de azas as costas, esta D. Thereza, o anjo tutellar.

SCENA I

D. Isabel, White, general Gastão, D. Felipe, D. Bibiano, Principes-infantes e D. Thereza

D. BIBIANO, *monologando*:—Ora graças a Deus que parto para a Europa! Não queriam que eu fosse ; mas tanto bate agua molle em pedra dura até que faz... buraco. O Contribuinte fez luxo para dar-me a chelpa. Gemeu, bufou, mas pagou. Foi preciso enternecer-o com as minhas lamurias de augusto enfermo. Soltei tres gemidos e meio e o convenci de que a imperial academia de medicina não fabrica Esculapios capazes de calafetar os augustos rins de um imperador. O Contribuinte, que é um pedaço d'asno, mas que tem coração molle, chorou, de enternecido, um litro de lagrimas e pagou as minhas despesas de viagem. Gastei diplomacia, mas emfim vcu partir para Pariz. Pariz, essa confeitaria de divertimentos! Porém, como me apresentarei agora á Europa culta?

A primeira vez lá appareci no meu papel de guerreiro : eu era então o Cezar do Paraguay, o Alexandre do Rio da Prata, o Bonaparte americano, com Uruguayana, mas sem Waterloo! A Europa saudava-me como um Achilles sem calcanhares!... Na segunda vez apresentei-me como o mais sabio dos monarchas : aos turcos fallei hebreu, a Secchi mostrei a lua, com Leverrier argumentei taboada, aos gregos li Camões, aos myopes escrevi em sanscrito... Emfim, fiz-me collega de quanto Instituto havia!

Mas em que character farei a minha terceira apparição? (*medita*) Ah! achei! em portuguez; *eureka!* em latim. (*Pausa*) *Eureka* será mesmo latim? Ora seja em que lingua fôr, eu... *eureka* o que procurava! Apparecerei á Europa como poeta, sim, está decidido, tomo a resolução de ser poeta!

GENERAL GASTÃO, *d parte* :—Decididamente tem pancada na bôla!

D. BIBIANO, *monologando* :—Está dito, de hoje em diante sou poeta. Com boa vontade e um dictionario de rimas, tomo o trem para o Parnaso! (*dirige-se a uma estante, tira um dictionario de rimas e põe-se a ler*).

D. ISABEL, *junto ao piano, a White* :—Não está disposto, sr. commendador, a cantar-me alguma cousa?

WHITE :—Pois não, pois não, v. exc. manda, não pede. O nosso dueto favorito?

D. ISABEL :—Já sei, já sei, como costuma dizer meu sabio pae. O sr. commendador refere-se ao dueto *Rizzio e Maria*.

D. BIBIANO, *decidido* :—Teu sabio pae, não, mil vezes não. Teu inspirado pae é que deves dizer. De uma vez para sempre fiquem prevenidos: eu não sou mais doutor, sou poeta.

GENERAL GASTÃO, *a meia voz* :—Coitado, está gira!

D. ISABEL, *pasmada* :—Então papae deu agora para trovador?!

D. BIBIANO :—Palavra de rei não volta atraz. Declarei que seria poeta e hei-de sê-lo, custe o que custar. E bom poeta. Queres ouvir um meu soneto? (*sem esperar resposta declama*):

Cumpri o meu dever, si mais não fiz
E' que a molestia me impediu a acção...

GENERAL GASTÃO, *impaciente* :—Que amolação!

WHITE, *impaciente*:—O nosso dueto é para hoje, não é?

D. ISABEL, *pressurosa*:—Cantemos, cantemos juntos. Porém permita que antes me ponha bem com Deus. (*Reza um Padre Nosso, benze-se e volta ao piano.*) Agora

WHITE, *cantando*:—*Rizzio non hanno sceltro
D'oscura stirpe egli è
Non ha che il cuore e il plettro
Regina, d'ofrire a te*

D. ISABEL, *cantando com sentimento*:
*E il viver mio beato
Sol quando son com te!*

WHITE:—*Dunque m'ami, Regina?*

D. ISABEL:—*Si... si...*

WHITE:—*Son un estasi la vita!
Me ripete ancor io t'amo!*

GENERAL GASTÃO, *interrompendo-os*:—São sublimes essas cantigas, mas façam o favor de ir cantal-as lá dentro, que será melhor.

(*D. Isabel e White retiram-se pelo fundo*)

SCENA II

G. Gastão, D. Felipe, D. Bibiano, Príncipes infantes e D. Thereza

GENERAL GASTÃO:—Tanta gritaria me atrapalha nas contas. (*Sommando*) 5 e 3, 8; 8 e 2, 10; 10 e 9, 19; 19 e 5, 24; etc... Por mais que somme e torne a sommar no total me apparece sempre o *deficit* de 8\$540, resultante do calote que me pregou o José Bernardes... Ah! tratante!... Não ha meios de obrigar-o a pagar!... O Secreta pregou-lhe o pau, o Romão desandou-lhe uma descompostura de derrocar muralhas de Jerichó, e nem assim o patife pagou!...

Chorava, chorava... Muita lagrima, mas nickel... *niente!* Depois que o Romão e o Secreta foram-lhe á reputação e ao lombo, ficou triste, *jururú*, doente: levaram-n'o para o hospital; mas como tristezas não pagam dividas o *calo* de 8\$640 nem o Santo Antonio de minha mulher me tira... Sincera e francamente, é-me indifferente que o José Bernardes fizesse dividas, mas o que me incommoda, o que me dóe é ficar elle a dever, e justamente a mim! (*chora*)

D. FELIPPE, *jogando a vermelhinha*:—Um, dois, tres, passe! Onde está a vermelhinha? Perdeu: pague. (*D. Augusto paga*).

D. FELIPPE, *continuando*:—Um, dois, tres. Onde está a vermelhinha? Perdeu: pague.

D. AUGUSTO, *desconfiado*:—Parece-me que desta vez ganhei!

D. FELIPPE:—Qual ganhou o que! Pague e não bufe! As dividas de jogo são sagradas (*D Augusto paga*). Um, dois, tres, passe. Não acertou com a vermelhinha. Pague!

D. AUGUSTO:—Não. Agora eu não pago. Eu vi perfeitamente a patóta. Você está me roubando.

D. FELIPPE:—Olhe, Augusto, si você não fosse meu primo, eu quebrava-lhe a cara, mas como é, contento-me em não lhe ensinar a *trancinha*, nem a martingale real da roleta. (*D. Augusto paga. Continuam a jogar. De repente agarram-se a socco. Esmurram-se bastante. Continuam depois a jogar*).

D. BIBIANO, *declamando*:

Oh! Musas, filhas do céu, mães da epopéa!
Em canora tuba me soprae a idéa
De perguntar aos echos desta sala,
Em versos sonorosos e fluentes,
E aos servos meus, fidalgos reverentes,
Si p'ra viagem já está prompta a mala!

(D. Bibiano cumprimenta-se. Com a mão direita apertada a esquerda.)

Muito bem, muito bem! Bibiano és poeta!
Acabas de subir lá do Parnaso á méta!
Vou agora fazer a lista da bagagem
Que irá commigo á Europa de viagem:
Minha corôa, o manto real, um cacho de bananas,
Encommenda que fizeram minhas manas;
Um bahu cheio de habitos da Rosa;
Goiabada de Campos tão gostosa!
E as commendas de Christo e do Cruzeiro
P'ra dar aos sabios deste mundo inteiro!

(Cumprimenta-se pela segunda vez.)

Muito bem, muito bem, Bibiano, és poeta!
Segunda vez subiste do Parnaso á méta!

‡(Continuando)

Levarei tambem a bandeira nacional
Pendão colorido de amarello e verde...

(Pausa). Parece-me que verde não tem rima..
(Folheia apressado o dictionario). Como não ha rima para verde eu não posso hoje acabar a minha poesia. Não estou de veia. Amanhan porém começarei a ser poeta... E como tenho pressa de partir para a Europa, vou tratar de arrumar as malas... mesmo em prosa! (Toca a campainha. Aparece um lacaios.) Oh! conde, puzeste na mala o estudo do professor Gorceix sobre a existencia do feldspatho nas minas do Ouro-Velho?

LACAIO:—Saberá V. Imperial Magestade que sim.

D. BIBIANO:—São preciosos esses estudos! Sem elles o principe D. Pedro não será sabio no Instituto francez. Agora...

Põe-te ao fresco, meu criado
Que eu estou mais socegado,
Que versos bonitos estou a fazer!
Já fallo em verso e sem querer!
Eu era poeta, e sem saber!

(Ouve-se rumor fóra. Repentinamente entra D. Pedro acompanhado do Romão e do Secreta, que trazem uma moça raptada, debatendo-se. Entram em scena por uma porta e desaparecem por outra.)

D. BIBIANO, declamando:

Vai o neto meu
Ver do amor no ceu
A passagem de Venus!

D. FELIPPE:—E dizem que sou o gatuno da familia. Ao menos nunca roubei moças!

G. GASTÃO:—*Le prince s'amuse!* 24 e 3, 27; 27 e 5, 32; vão 3 etc.

LACAIO, entrando, a D. Bibiano:—Senhor doutor, tudo está prompto para a viagem. V. M. pode partir.

D. BIBIANO, irritado:—Eu não sou mais doutor, já disse; sou poeta.

LACAIO:—Como na ultima viagem V. M. era doutor, eu suppuz...

D. BIBIANO:—Suppuzestes mal, conde; desta vez eu sou poeta. (*Serenando.*) Queres ouvir uma composição minha? começa assim:

Cumpri o meu dever, se mais não fiz
E' que a molestia me impediu a acção...

(o lacaio foge) a acção... a acção. Que pena! esqueci-me do resto. Uma poesia tão bonita! A inspiração tira a memoria! Porém são horas de partir. (*Dirige-se ao G. Gastão.*) Adeus, meu genro; não quer nada para a Europa?

G. GASTÃO:—2 e 8, 10; 10 e 10, 20; vão 2. Boa viagem. 2 e 6, 8; 8 e 3, 11; 11 e 13, 24; 24 e 13, 37; vão 3. Passe bem. 3 e 5, 8. Adeus.

D. BIBIANO aos principes jogadores:—Meus filhos, eu parto para a Europa. Vocês portem-se bem. Todo o juizo é pouco.

D. FELIPPE, *sem dar attenção a D. Bibiano* :—Um, dois, tres, passe. Perdeu. Pague.

D. AUGUSTO :—Não pago.

D. FELIPPE :—Pague. Perdeu : pague !

D. AUGUSTO :— Não pago. Você é um ladrão !
(*Agarram-se*).

D. BIBIANO :— Não me ia esquecendo do mais importante ? (*Toca a campainha, vem o lacaio.*) Mettam na mala o Bedengó ! Elle e eu somos as unicas entidades scientificas deste paiz : devemos ir juntos percorrer as terras cultas. O Thezouro Nacional tambem vai commigo. Posso precisar delle lá.

GENERAL GASTÃO, *precipitadamente* :— Meu caro, meu presado sogro, o senhor vai fazer uma viagem longa, está meio adoentado. Diga-me uma cousa : já fez seu testamento ?

D. BIBIANO, *funebre* :— Já !

GENERAL GASTÃO :— Não podia ter olvidado a seu estimado genro. O que lhe deixou ?

D. BIBIANO, *sarcastico* :— O Imperio do Brazil !

G. GASTÃO, *desenxabido* :— Ora bolas !

(*Entra o Thezouro Nacional mais pobre que no 1.º acto*).

D. BIBIANO :— Você, Thezouro Nacional, acompanha-me á Europa.

THEZOURO NACIONAL :— Não ha duvida. Porém desde já lhe previno : á Inglaterra não vou.

D. BIBIANO :— Porque então ?

THEZOURO NACIONAL, *encalistrado* :— Porque lá tenho eu credores.

D. BIBIANO :— Podemos ir. Não ha mais perigo. Os inglezes já aboliram a prisão por dividas. Onde

estará mettida minha filha? quero despedir-me della. (*Ouve-se dentro a voz de D. Isabel que canta: Tournez, tournez cœur que à la valse on se livre; elle charme, elle enivre les cœurs passionés*). Não; não incommodemos a minha filha; quando ella está entre artistas e padres, está entre o céu e a terra. (*Ao Thezouro*) Vamos. *Dirigem-se para a porta. O Anjo Tutellar bate tres vezes as azas, e voando vem collocar-se sobre as costas do Thezouro Nacional*).

D. BIBIANO:—Que cabeça esta minha! Depois que sou poeta, estou ficando esquecido da memoria. Não é que já não me lembrava de minha esposa? (*Ao Thezouro*) Si você carrega o Anjo Tutellar, elle tambem vai conosco; não, não.

THEZOURO NACIONAL:—Que remedio! Não é sobre minhas costas que elle pesa sempre? (*Sáem D. Bibiano, Thezouro Nacional e o Anjo Tutellar. Entra D. Isabel entre um padre e White. D. Isabel ajoelha-se aos pés do padre para confessar seus peccados, e White vai ao piano. White cantando:*

Me gustan todas,
Me gustan todas,
Me gustan todas,
En general!

Pero la rubia,
Pero la rubia,
Pero la rubia,
Me gusta mas!

Cai o panno—mutação

QUADRO I I

Pariz.—Boulevard dos Italianos.

Uma horisontal, vestida com as 7 côres do arco-iris e mais algumas da industria pariziense, passeia pelo braço do Fidalgo de Saxe que evidentemente acabou de jantar, almoçar ou ceiar á ultima moda... do pae Noé.

SCENA I I I

Fidalgo de Saxe, Nana

FIDALGO DE SAXE, *cantando com voz acida* :

Vivent les beaux dimanches
Du peuple de Paris,
Quand les femmes sont blanches..:

NANA, *sarcastica* :—Et les hommes sont gris !

GAVROCHE, *passando* :—Oh ! chuva !

F. DE SAXE :—Queres ou não queres, ó Nana ! •
collar que te prometteu este teu *chien cheri* ? Olha filha,
aproveita emquanto o Braz é thesoureiro...

NANA, *perplexa* :—*Monsieur* Braz ? ! Que *monsieur*
Braz é esse ? !

F. DE SAXE, *rindo* :—Não é *monsieur* Braz que eu
queria dizer. Eu me refiro a *monsieur* Brazil. Um ricaço
amigo nosso, que fornece dinheiro para toda a familia de
meu sogro a juro nullo e prazo eterno.

NANA :—*C'est un homme bien gentil, adorable !
C'est comme ça que j'aime.*

F. DE SAXE :—Aproveitemos emquanto o Brazil é
thesoureiro. Mimoso flor dos gabinetes particulares, vou
ornar-te com um collar de perolas !

NANA, *incredula* :—Não é troça ?

F. DE SAXE :—E' tão verdade como ser eu o mais
alegre dos viuvos !

NANA, *enthusiasmada*:—Oh! principe de fadas! Oh! meu unico amante serio! Oh! alteza alleman, tu não és um principe arrebetado como são todos os fidalgos da tua terra! Si és allemão de nascença, és americano de algibeiras...

F. DE SAXE:—Americano de algibeiras, não. Sou americano... de matrimonio.

NANA, *insistindo*:—De matrimonio de algibeira!

F. DE SAXE:—Sim... sim... Fallemos de cousas alegres. Vamos comprar o collar. (*Dirigem-se a uma loja de ourives. Compram a joia. No momento solemne de pagar, o commerciante reclama*)

OURIVES:—Este ouro sôa bem, mas não conheço de que paiz é. Não recebo.

F. DE SAXE:—E' ouro do Brazil,—a terra nativa do ouro. Eu nunca o tive tanto como depois que lá estive empregado como marido.

OURIVES:—Ouro do Brazil! Impossivel! Segundo me informaram lá é a patria do papel moeda!

F. DE SAXE, *com altivez*:—Isso é para o povo. Nós, os principes, somos pagos em ouro!

NANA, *vivamente*:—Quem é aquelle (*cantando*)

Grand barbu qui s'avance
Bu qui s'avance
Bu qui s'avance
Sur le bi
Sur le bu
Sur le bi du bout du banc?

F. DE SAXE, *pasmado*:—Virgem nossa Senhora! Meu sogro em Pariz! O Anjo Tutellar veiu! Até meu filho! Querem vêr que minha mulher resuscitou para vir tambem?! Que amolação! Vamos, vamo-nos embora! (*Sai, puxando a Nana.*)

SCENA IV

(*D. Bibiano, D. Pedro, Thezouro Nacional, carregando o Anjo Tutellar ás costas, Charcot, Flammarion, Theodoro de Banville e mais alguns personagens parizienses*).

CHARCOT, *a D. Bibiano*:—Vosso neto esteve esplendido na leitura do trabalho sobre as minas de Ouro Velho. Um meu collega disse-me que já ouvira fallar nisso pelo professor Gorceix.

D. PEDRO:—Sim? O Gorceix, uma nullidade, entende lá dessas coisas?!

D. BIBIANO:—Plagiou o trabalho de meu neto.

CHARCOT *incredulo, mudando de conversa*:—As minhas ultimas observações...

D. BIBIANO:—Já sei, já sei...

CHARCOT, *estupefacto*:—Oh! ainda não foram publicadas...

D. BIBIANO:—Já sei, já sei...

CHARCOT, *aparte*:—Pomadista!

PASTEUR:—As novas experiencias sobre microbios..*

D. BIBIANO:—Já sei, já sei...

PASTEUR.... que vou encetar...

D. BIBIANO:—Já sei, já sei...

PASTEUR, *aparte*:—Pedante!

BANVILLE:—Vou escrever um poema...

D. BIBIANO:—Já sei, já sei.

BANVILLE, *delicado*:—Perdão. Creio que V. Magestade se engana. Nada póde saber sobre meu poema, que ainda não sahiu das regiões embryonarias da minha phantazia...

D. BIBIANO:—Já sei, já sei.

BANVILLE, *decidido*:—Pois então faça-me o favor de recitar alguns versos de meu futuro poema!

D. BIBIANO:—Pois não. (*Recita uma poesia de Victor Hugo.*)

ALGUNS CIRCUMSTANTES:—Que memoria!

BANVILLE, *aparte*:—Extraordinaria! Recita versos meus que nunca compuz! Que memoria! Que dentista! (*Retira-se amuado para um canto.*)

D. BIBIANO, *aparte*:—Consolemos Banville por tel-o substituido por Hugo. (*A Banville*) Permitta que prove minha admiração pelos seus versos, nomeando-o commendador da Ordem da Rosa, uma distincção que só concedo aos homens de grande talento. (*Colloca sobre o peito de Banville uma commenda.*)

BANVILLE, *alto*:—Obrigado, Senhor. (*baixo*) Si Victor Hugo reclamar!

D. BIBIANO:—Agora approxime-se, amigo Charcot. (*condecora a Charcot*) Amigo Pasteur é a sua vez (*condecora a Pasteur*). Amigo Flammarion, eu não podia me esquecer do meu velho astronomo (*condecora a Flammarion, e assim vai condecorando a todos os circumstantes*). Agora é a sua vez; o senhor; falta ainda o senhor...

BANVILLE, *intercindo*:—Até este?!!

D. BIBIANO:—Porque não?

BANVILLE:—Este, senhor, é... meu creado de quarto...

D. BIBIANO:—Não seja essa a duvida! A ordem da Rosa tem por divisa *amor e fidelidade*! Um criado deve ser fiel... e amoroso, si fôr de quarto. Portanto nomeio o seu creado cavalleiro da minha imperial Ordem da Rosa.

CREADO, *solemne*:—Em nome dos lacaios francezes, eu proclamo a França reconhecida!

D. BIBIANO, *a um individuo que passa*:—Psiu! psiu! ó! senhor! ó! senhor!

O INDIVIDUO, *parando*:—Que é? Que quer?

D. BIBIANO:—Eu desejo condecoral-o com a Ordem da Rosa.

O INDIVIDUO:—Agora não. Não posso. Vou com muita pressa.

D. BIBIANO:—Então, amanha? (*O homem retira-se sem responder*). Já estão todos condecorados? Não falta mais ninguém? Si falta alguém, é favor dizer. (*Ouve-se uma mulher que grita para a rua.*)

A MULHER:—Socorro! O' da guarda!

D. BIBIANO:—Quer uma condecoração *madama*?!

A MULHER, *gritando*:—O' da guarda! péga! péga ladrão!

(*Apparecem guardas da paz e prendem um voyou que tentava fugir.*)

D. BIBIANO, *ao voyou*:—Você já foi condecorado?

VOYOU:—Já, sim senhor. Eu sou gran-cruz da Ordem da Rosa.

TODOS, *estupefactos*:—Quem é você?

VOYOU, *com soberania*:—Eu sou D. Felipe de Bourbon!

D. BIBIANO, *ao Contribuinte*:—Pague as despesas feitas pelo seu principe em casa daquella mulher. (*Aos guardas da paz*). Soltem esse moço. E' sobrinho do Imperador do Brazil.

GUARDAS DA PAZ:—Está preso em nome da lei. Só a lei póde livral-o de Cayenna.

D. BIBIANO, *furioso*:—Havemos de vêr! E' o que faltava! O meu sobrinho nas galés!

G. DA PAZ:—Quem o manda ser gatuno?

D. BIBIANO:—Vou já escrever um bilhete ao presidente da republica. Os senhores vão vêr o effeito que

um bilhete meu produz! (*Escreve um bilhete, entrega-o a um guarda da paz para levar ao presidente da república. A mulher roubada revista a D. Felipe e toma os objectos roubados. D. Bibiano conversa com os sabios. O Contribuinte paga a custa da prisão de D. Felipe. O guarda da paz volta com a resposta.*)

D. BIBIANO, *alegremente*:—Vamos vêr o effeito da minha carta? (*Abre e lê a respsta*). Muito bem; muito bem!

D. FELIPPE, *contente*:—Então, estou livre? Os objectos que aquella mulher me tomou vão ser-me entregues?

D. BIBIANO:—Não. E' negocio decidido: vais para Cayenna. Porém te prestam todas as homenagens devidas a teu sangue real. Vão buscar uma bandeira brasileira e uma banda de musica.

UM CIRCUMSTANTE:—Ahi vem a musica; aqui está a bandeira.

D. BIBIANO:—Agora, D. Felipe, podeis seguir para as galés. A caminho! desfraldem a bandeira brasileira e toquem o hymno nacional!

(*D. Felipe agarrado por dois soldados, parte para Cayenna á sombra do estandarte brasileiro; a musica acompanha o preso tocando o hymno nacional.*)

D. BIBIANO:—Está salvo o decoro dynastico! D. Felipe foi para a cadeia, mas... com todas as honras devidas a um principe!

(*Os sabios retiram-se sem se despedir de D. Bibiano, e este vendo que mais ninguem lhe presta attenção, volta para o Brazil.*)

QUADRO III

Salão do Palacio Isabel

SCENA V

White e D. Isabel

WHITE:—O senhor seu pae chegou bom ?

D. ISABEL, *indifferente*:—Bom; muito obrigada. (*enthusiasmada*) Na opera 5^a, cantata 8^a do concerto de hontem, o senhor esteve attrahente, seductor, delicioso...

WHITE:—D. Bibiano voltou restabelecido ?

D. ISABEL, *distrahidamente*:—Sim... sim... Restabelecido de todo não... ainda não regula bem... Mas o senhor esteve deslumbrante na cavatina. A sua melodia carinhosa afaga-me a alma! a sua magica batuta transporta-me ás purissimas regiões ethereas. (*em extasi*) Oh divino maestro! oh gozo! oh jubilo! oh ineffavel alegria! (*entra de repente o G. Gastão*)

SCENA VI

Os mesmos e o G. Gastão

G. GASTÃO, *possesso*:—Quem comeu o pão que sebejou do almoço ?!

D. ISABEL:—Oh! senhor!

G. GASTÃO, *mais possesso*:—Deixemos de exclamações! Quem bebeu o vinho que estava na garrafa ?! Foi a senhora ?!

D. ISABEL:—Eu? não!

G. GASTÃO, *avanzando para White*:—Então foi o senhor ?!

WHITE, *tremendo*:—Eu não, senhor!..

G. GASTÃO:—Deixe vêr o bafo (*White sopra nas ventas do G. Gastão*). Este não foi... aquella tambem não

foi. Quem seria? (*colerico*) Isto assim não pôde continuar. E' um gastar sem conta... Não ha dinheiro que chegue! Enquanto minha mulher se entretem em esmurrar o piano e esse rabequista atordôa a visinhança com alaridos musicaes, dão-me cabo do pão... bebem-me o vinho... Um dia me comem a mobilia. (*retira-se sapateando.*)

SCENA VII

D. Isabel e White

D. ISABEL:—Enjoam-me essas raivas economicas.

WHITE, *ainda tremulo*:—Uih! o homem não é de brincadeiras... comeram o pão delle e elle ficou damnado! quasi veiu-me aos queixos...

UM LACAIO:—Frei Narciso do Amor Divino deseja falar a D. Isabel.

D. ISABEL:—Conde, diga a Frei Amor que sou toda delle nestes dois minutos. Divino maestro, até logo.

WHITE:—Passe bem. (*só*) D. Isabel com seus requebros já se vai tornando fatigante... Que tristeza!... Estas quarentonas pagodistas não se resignam a despidir-se da mocidade... Eu já estou farto de ouvir chamar-me de «divino maestro». Como fugir a esta amolação? Irra! Esta D. Isabel é pagajosa!... Ahi vem gente... façamos boa cara...

SCENA VIII

D. Bibiano, Secreta, Romão e White

D. BIBIANO:—Onde está a Isabel?

WHITE:—Lá dentro com um frade.

D. BIBIANO:—Vá chamal-a. (*White sai*)

SCENA VI

Os mesmos, D. Isabel, G. Gastão, White, Anjo Tutellar, etc.

D. ISABEL, *precipitando-se para abraçar D. Bibiano*:
Meu pae! meu pae!

D. BIBIANO, *gelido*:—Filha, toma cuidado. Olha que me atiras ao chão!

D. ISABEL, *serenando*:—O senhor veio pedir-me contas de sua casa?

D. BIBIANO:—Sim. Quero saber o estado de meu povo.

D. ISABEL, *jubilosa*:—Oh! o povo de teu estado vive satisfeitissimo. Musica e mais! musica. Aclama-me nas ruas, me insensa nos parlamentos, bajula-me na imprensa. Já não ha mais jornaes neutros nem republicanos: vestiram todos a farda verde de creados do paço; os entrelinhados foram promovidos ao posto de artigo de fundo. Emfim o Brazil póde apresentar-se com cara de festa no concerto das nações civilisadas. Por fallar em concerto; o do Club Beethoven esteve deslumbrante. O meu divino maestro maravilhou-me... oh! attrahente, delicioso! seductor na cantata 8ª!

D. BIBIANO, *contendo a raiva*:—E a lavoura?

D. ISABEL:—Nã foi convidada.

ROMÃO:—Eu responderei, senhor, por D. Isabel (*emphatico*) Quando a serenissima princeza imperial, enfrentando com a lavoura, que os despeitados affirmam ser os alicerces da sociedade brazileira, regenerada...

D. BIBIANO, *impaciente*:—Basta!... Basta!... já sei... já sei... As provincias estão contentes?

D. ISABEL, *perplexa*:—Que provincias?

D. BIBIANO, *perdendo a calma*:—As vinte provincias de meu imperio, não sabes? As vinte pagadoras de impostos!...

D. ISABEL, *estupefacta* :—Eu pensava...

D. BIBIANO, *gritando* .. que o imperio começa na Copacabana e termina na Gambôa!? que as provincias fossem a rua do Ouvidor, o largo do Rocio, o morro do Cneco, o Sacco-do-Alferes?...

D. ISABEL :— No emtanto a lavoura do municipio neutro reunida em congresso...

D. BIBIANO, *rubro de cholera* :—Onde viste, serenissima pateta, a safra do arco do Telles? já te constou que nos parallelepipedos da rua do Ouvidor nascesse alguma cousa?!

ROMÃO, *intervindo* :—Senhor, modere-se. A razão não está de vosso lado. Estes jornalistas que acclamam a regencia não são a flora das calçadas? os politicos de vosso imperio não brotam, vicejam, infloram-se-nos lagados do ponto dos bonds?

D. BIBIANO :—Já sei... já sei. E o povo vive feliz?

D. ISABEL, *tranquillamente* :—Não ha mais povo.

D. BIBIANO, *admirado* :— Então que fim levou o povo?

G. GASTAO :—Desappareceu, devendo-me tres mezes de aluguel de casa.

D. ISABEL :—Condecorando a todos os brazileiros dei cabo do povo. Hoje tudo é fidalgo.

D. BIBIANO :—Bem lembrado! Eu que só distinguia aos estrangeiros! Si o povo está cortezão, as provincias felizes, o contribuinte contente, as finanças prosperas, a dynastia idolatrada, os meus vencimentos estão garantidos. Posso tranquillo me dedicar ás Musas. Meus amigos, tomo bond para o Parnaso. (*Ouvem-se fóra gritos de vivas e morr. 2.*)

D. ISABEL :—Que será isto? Que barulho! Credo!

ROMÃO :—E' o populacho que se revolta.

D. BIBIANO, *admirado* :—Como ?! Não me diziam que não havia mais povo ?!

ROMÃO :—O povo acabou-se, mas ficou a canalha!

SECRETA :—Vamos dar muita pancada nesses maltrapilhos ?

ROMÃO :—Vamos.

SECRETA :—Haja! Viva a familia imperial! Entra mano!

(*Romão e Secreta saem correndo. Os gritos de viva a república e morras a D. Banana 2 e a Festeira continuam*).

D. ISABEL :—Santa Barbara, S. Jeronimo! Comendador accuda-me!

GENERAL GASTÃO :—A cousa hoje é séria! Si elles se lembram de pôr fogo em meus cortiços...

D. BIBIANO, *pallido e tremulo* :—Mais horrivel do que Uruguayana!

(*Secreta, Romão, lacaios, entram perseguidos pelo Povo, Contribuinte e outros*)

SCENA IX

Os mesmos, Secreta, Romão, Povo, Contribuinte, eic.

D. BIBIANO :—A casa do cidadão é inviolavel e sagrada. Como invadem meu palacio ? O que desejam de mim ?

Povo :—Vêl-o pelas costas. Não estou disposto a ser governado por mulheres pagodistas, estrangeiros usurarios, nem por ti, caco de guerreiro, sabio de meia tigella, poeta de cacaracá.

D. BIBIANO, *offendido* :—Eu... eu... poeta de cacacá ? Eu que fiz versos bellos, harmoniosos...

ROMÃO :—...lindos, dôces, fluentes, divinos...

Povo, *rindo* :—Versos como os teus qualquer de nós
faz aos milhares. Basta abrir a bocca e deixar a natureza
obrar. Queres uma prova? Lá vai verso á D. Bibiano :

Desde que Vossa Magestade d'aqui partiu
Não tem feito outra cousa senão
Versos de pés quebrados e tão
Mal amanhados como nunca se viu.

Vossa Magestade nunca dizer ouviu
Não te mettás sapateiro a tocar rabeção ?
Este dictado tem grande applicação
A' nova posição que V. Magestade assumiu.

V. Magestade deve abandonar o plectro,
O plectro do Imperador e o sceptro
Que é a base do nosso systema, creia,

E a chave constitucional dos poderes diversos
Si Vossa Magestade se mette a fazer versos
O que hade fazer o sr. Raymundo Correia ?

ROMÃO :—E' um desaforo debicar assim a D. Bi-
biano. Eu não admitto.

Povo :— Não admittes? Tome lá para admittires.
(*prega uns murros em Romão*)

SECRETA, *ameaçador* :—Entra, Povo ! encosta, mano!

POVO :—Tambem queres tua dôse? (*dá no Secreta
muita cacetada*)

SECRETA :—Que pulso ! Ai ! ai ! tenho tres costellas
rompidas !

ROMÃO :—O Povo hoje não está para graças.

SECRETA :—A monarchia cheira a defunto.

ROMÃO —E' tua opinião ?

SECRETA :—Sincera.

ROMÃO :—Eu sempre tive ideas republicanas. Não
me declarei ainda ; porém, si o povo vencer assigno o
manifesto.

D. BIBIANO :— Entremos em accôrdo, Povo. Você deixe-se de revoluções e eu te faço commendador.

Povo :—Qual accôrdo, qual nada ! Uma vez por todas : não estou disposto a pagar-te 800 contos por anno para fazeres sonetos estropiados.

D. BIBIANO :—Insulta-me, desthrona-me, enforca-me até, mas não digas que minhas poesias são ruins. Você, Povo, não leu aquelle soneto meu :

Cumpri o meu dever. Si mais não fiz
E' que a molestia me impediu a accção ?

TODOS :—Fóra o poeta de Cacarcá ! Fóra !

D. BIBIANO, *chorando* : Meu Deus, que fiz eu para merecer esse castigo ? Eu, um rei tão bom ! Protegi as lettras...

Povo :—Mandando suspender a mesada de Gonçalves Dias, que se viu, de repente, pobre, triste, abandonado, doente em paiz estrangeiro.

D. BIBIANO :—Nunca matei.

Povo :—Devéras ? Nunca tua mão traçou a ordem para teus generaes juncarem de cadaveres o solo da patria ? Do Fanha, da Venda Grande, de Santa Luzia, das ruas do Recife nunca a teus paços chegaram os echos da descarga cerrada de um fuzilamento ? Ah ! imperador piedoso, monarcha compassivo, porque então abriste as portas do senado imperial aos dois covardes assassinos de Nunes Machado, e porque até hoje não pudemos fazer um altar do tumulo ignorado onde mandaste a teus vis servidores esconder o cadaver de Pedro Ivo ? !

D. BIBIANO, *aterrorizado* : — Misericordia ! misericordia !

ROMÃO :—Fóra D. Bibiano ! fóra a Festeira ! fóra

G. GASTÃO :— Você não póde adiar esta revolução para o mez que vem ?

Povo:—Porque?

G. GASTÃO:—Porque só no fim do trimestre financeiro eu posso cobrar os alugueis de todos os meus cortiços.

SECRETA, *pregando uma cabeçada no G. Gastão*:—Toma lá o primeiro vencimento.

Povo, *intervindo*:—Lembra-te de que ainda hoje eras empregado do principe noventa por cento!

SECRETA:—Elle nunca me pagou em dia.

D. ISABEL, *com ameaça de ataque de nervo*:—Já que não nos querem mais, vamo-nos embora, commendador?

WHITE:—Acalme-se, senhora. Estou cansado de aturar-te.

D. BIBIANO, *bombastico*:

Na hora triste da partida
Cumprí o meu dever. A molestia
Não quiz...

TODOS:—Fóra poeta de cacaracá! basta! basta!

G. GASTÃO, *lamentativo*:—Oh! inquilinos de meus cortiços, adeus! (*D. Bibiano, G. Gastão e D. Isabel saem*)

THEZOURO NACIONAL, *apontando para o Anjo Tutellar*:—Fica?

Povo:—Onde havemos de pôr este trambolho?

ROMÃO:—Elle é anjo, que vá para o céu. Anda, anjo, pucha para o céu! (*D. Thereza tenta bater as azas, mas não vóa.*)

Povo:—Ora essa! o que hei-de eu fazer desse anjo incommodo?!

CONTRIBUINTE:—Uma idéa! Mande-se para o Museu e colloque-se ao lado do Bedengó: são ambos phenomenos celestes.

TODOS :—Boa idéa. Muito bem.

ROMÃO :— Heroico senhor Povo. Agora que V. Exc. vai estabelecer neste grande e futuroso paiz o regimen da liberdade e da opinião ; minha penna defenderá eternamente as instituições democraticas que vão felicitar a nação brasileira, garantindo a paz com o estrangeiro, a prosperidade e o regular desenvolvimento do progresso no interior, alliados com a ordem, elemento essencial...

Povo :—Cala-te, Romão. Eu sempre desprezei o teu insenso.

ROMÃO, *humilde* :—Senhor Povo, a vida é cara...

Povo :—Hei-de precisar de teus serviços.

ROMÃO, *contente* :—Eu serei nomeado então ?...

Povo :—Tu serás na republica o que foste na monarchia ; apenas saís da imprensa para as botas : nomeio-te *engraxate do governo*.

THEZOURO NACIONAL, *para o publico* :—Está terminada esta peça da monarchia. Bem cara peça ! Os senhores podem gritar « viva a republica ». Por isso não me pagam nada.

CONTRIBUINTE, *desconfiado* :—Eu posso tambem gritar « viva a repuplica » sem pagar ?

THEZOURO NACIONAL :—Oh ! meu velho amigo ! Um abraço. Estamos livres delles. (*Abraçam-se*)

Caem, finalmente o panno e a dynastia

FIM